

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DE CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA**

ELISA CARRER DE CESERO

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO: ÁREA DE CLÍNICA
MÉDICA E CIRÚRGICA DE PEQUENOS ANIMAIS**

**CAXIAS DO SUL
2021**

ELISA CARRER DE CESERO

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO: ÁREA DE CLÍNICA
MÉDICA E CIRÚRGICA DE PEQUENOS ANIMAIS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Medicina Veterinária apresentado como requisito para obtenção de título de Médico Veterinário pela Universidade de Caxias do Sul na Área de Conhecimento de Clínica Médica e Cirúrgica de Animais de Companhia.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Conceição de Oliveira.

Supervisora: Taís Demarchi.

CAXIAS DO SUL

2021

ELISA CARRER DE CESERO

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO: CLÍNICA MÉDICA E
CIRÚRGICA DE ANIMAIS DE COMPANHIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Medicina Veterinária apresentado como requisito para obtenção de título de Médico Veterinário pela Universidade de Caxias do Sul na Área de Conhecimento de Clínica Médica e Cirúrgica de Animais de Companhia.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Conceição de Oliveira.

Supervisora: Tais Demarchi.

Aprovada em 29 de novembro de 2021.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Eduardo Conceição de Oliveira
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof. Dr. André Felipe Streck
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Médica Veterinária Jéssica Castro
Universidade de Caxias do Sul – UCS

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus e a Nossa Senhora, que me proporcionaram força, persistência, dedicação e principalmente coragem para conseguir chegar onde estou hoje.

Agradeço meus pais Mônica e Gilnei, por não terem medido esforços para eu realizar meu sonho de ser Médica Veterinária. Sem vocês, esse sonho não teria se tornado realidade.

Ao meu namorado Filipe Gervasoni por me apoiar sempre, estando ao meu lado, me auxiliando quando precisei. Obrigada, por sempre demonstrar amor e por ter aguentado diversas crises de estresse e ansiedade, obrigada por ter tornado essa caminhada mais fácil.

Agradeço também as minhas colegas de caminhada, Bruna e Camila, obrigada por estarem comigo ao longo destes anos, vocês estarão sempre em meu coração. Minha dinda Érica, que não mede esforços para me auxiliar, obrigada por estar sempre comigo, me apoiando em todos os momentos. E à Paula e Edson Vieira, que me apoiaram durante a graduação.

Agradeço a todos os professores, especialmente ao meu orientador professor Dr. Eduardo, que sempre me auxiliou quando necessitei, por trazer diversos ensinamentos durante as aulas da graduação. Além de um excelente professor o senhor é um maravilhoso ser humano.

À Melissa, Cacau e Bela, minhas companheiras de quatro patas, agradeço por todo o amor e carinho que me proporcionam.

Às Médicas Veterinárias e funcionários que trabalham na Clínica Coisa de Bicho, meu muito obrigado por todo o aprendizado que vocês me proporcionaram.

Obrigada a todos.

RESUMO

O presente relatório tem por objetivo descrever as atividades realizadas durante o estágio curricular obrigatório em Medicina Veterinária na Clínica Veterinária Coisa de Bicho, nas áreas de Clínica Médica e Clínica Cirúrgica de Animais de Companhia. Neste trabalho será relatado o local de estágio, com sua infraestrutura e as atividades desenvolvidas em cada área e suas respectivas casuísticas. Descreve-se também mais detalhadamente dois relatos de casos, um caso de piometrite e outro de mastocitoma em cavidade oral, com metástase em linfonodo mandibular, ambos em cães. O estágio teve início no dia 2 de agosto de 2021 e concluiu-se no dia 6 de novembro do mesmo ano, perfazendo um total de 497 horas, sob a supervisão da Médica Veterinária Tais Demarchi e orientação do professor Dr. Eduardo Conceição de Oliveira. Durante este período, foi possível acompanhar as atividades exercidas na Clínica de Pequenos Animais, apresentando a casuística de 54 casos clínicos, que foi representada por 39 caninos e 15 felinos. A maior casuística abrangeu as afecções tegumentares correspondendo a 37,50% da casuística, e pelo sistema genitourinário correspondendo a 18,75% da casuística. Sobre as casuísticas de procedimentos cirúrgicos, os casos que mais foram acompanhados foram a profilaxia dentária e a ovário-histectomia. O estágio curricular obrigatório é essencial para o crescimento pessoal e profissional, é um período de aprendizagem e desenvolvimento do senso crítico, colocando em prática o conhecimento adquirido durante a graduação.

Palavras-chave: Clínica. Cães. Felinos. Piometrite. Mastocitoma.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Apresentação do local de estágio curricular obrigatório, fachada da Clínica Veterinária Coisa de Bicho em Bento Gonçalves, RS	12
Figura 2 – Apresentação do pet shop e da recepção da Clínica Veterinária Coisa de Bicho	13
Figura 3 – Apresentação da estrutura do consultório 1 da Clínica Coisa de Bicho ...	13
Figura 4 – Apresentação da estrutura do consultório 2 da Clínica Coisa de Bicho ...	14
Figura 5 – Apresentação das instalações da sala de internação da Clínica Coisa de Bicho	15
Figura 6 – Apresentação sala de esterilização (A) e bloco cirúrgico (B) da Clínica Coisa de Bicho	15
Figura 7 – Canino, fêmea, Pinscher: durante o procedimento foi identificado o útero aumentado devido á piometrite	29
Figura 8 – Canino, fêmea, Golden: linfonodo mandibular direito aumentado (A). Linfonodo mandibular após a linfadenectomia, apresentando linfonodomegalia (B).	35

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Procedimentos ambulatoriais acompanhados na Clínica Veterinária Coisa de Bicho durante o estágio curricular obrigatório, dividido por espécies.....	19
Tabela 2 – Casuística Clínica por grupo de afecções acompanhadas durante o estágio curricular obrigatório na Clínica Veterinária Coisa de Bicho de 02/08/2021 à 06/11/2021	20
Tabela 3 – Afecções tegumentares acompanhadas na rotina clínica de pequenos animais durante estágio curricular obrigatório.....	22
Tabela 4 – Afecções genitourinárias acompanhado na rotina clínica de pequenos animais durante o período de estágio curricular obrigatório.....	22
Tabela 5 – Afecções do sistema digestório e glândulas anexas acompanhadas na rotina clínica de pequenos animais durante o estágio curricular obrigatório	23
Tabela 6 – Afecções infectocontagiosas acompanhadas na rotina clínica de pequenos animais durante o estágio obrigatório.....	23
Tabela 7 – Afecções musculoesqueléticas acompanhadas na rotina clínica de pequenos animais durante o estágio curricular	24
Tabela 8 – Afecções endócrinas acompanhadas na rotina clínica de pequenos animais durante o estágio curricular obrigatório.....	24
Tabela 9 – Afecções cardiovasculares acompanhadas na rotina clínica de pequenos animais durante o estágio curricular obrigatório.....	24
Tabela 10 – Procedimentos cirúrgicos e anestésicos acompanhados na rotina clínica de pequenos animais durante o período de estágio curricular obrigatório	25
Tabela 11 – Resultados do exame hematológico da paciente para o obtenção do diagnóstico	28

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Casuística acompanhada durante o estágio curricular conforme espécie.	18
Gráfico 2 – Apresentação da distribuição por sexo em caninos e felinos acompanhados durante o estágio curricular obrigatório, dividido por espécies.	19

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BID	Duas vezes ao dia
°C	Graus Celsius
DAPE	Dermatite alérgica a picada de ectoparasitas
FELV	Leucemia Viral Felina
FIV	Vírus da imunodeficiência felina
IM	Intramuscular
IV	Intravenoso
Mg/Kg	Miligrama por quilograma
MPA	Medicação Pré-Anestésica
OVH	Ovário-histerectomia
SC	Subcutâneo
SID	Uma vez ao dia
SRD	Sem raça definida
TID	Três vezes ao dia
VO	Via oral

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	DESCRIÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO	12
3	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	17
3.1	CASUÍSTICA	18
4	RELATO DE CASOS CLÍNICOS	26
4.1	PIOMETRITE EM CADELA.....	26
4.1.1	Relato de Caso	27
4.1.2	Discussão	30
4.1.3	Mastocitoma em mucosa oral com metástase em linfonodo mandibular em canino.....	31
4.1.4	Relato de Caso	33
4.1.5	Discussão	35
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
	REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

O estágio curricular obrigatório supervisionado em Medicina Veterinária na Área de Clínica de Pequenos Animais torna possível engrandecer todo o aprendizado teórico e prático visto durante a graduação com o cotidiano de uma clínica ou hospital veterinário.

Com o intuito de completar 420 horas exigidas para realizar o estágio obrigatório, acompanhou-se a rotina clínica de atendimentos da Clínica Veterinária Coisa de Bicho, o trabalho foi supervisionado pela Médica Veterinária Taís Demarchi teve início em 2 de agosto de 2021 e fim no dia 6 de novembro de 2021.

A Clínica Veterinária Coisa de Bicho, possuía uma ótima estrutura, visava priorizar o bom atendimento e o bem-estar dos animais, com cuidados especiais de profissionais de diferentes especializações, com plantões todos os dias até às 23h e serviços como vacinas, cirurgias, exames laboratoriais, exames de imagem entre outros.

Por meio da orientação acadêmica do Prof. Eduardo Conceição de Oliveira, este relatório de estágio possuiu o objetivo de discorrer sobre o local em que o estágio foi realizado, bem como relatar as atividades clínicas desenvolvidas, apresentando a casuística acompanhada, com a descrição detalhada de dois casos clínicos, um de piometrite e outro de mastocitoma, ambos em caninos.

2 DESCRIÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO

A Clínica Coisa de Bicho estava situada na Cidade de Bento Gonçalves, RS, na Rua Travessa Três de Outubro nº 98, Bairro Cidade Alta. A clínica fundada pela Médica Veterinária Natalia Piva, há 7 anos, atendia de modo específico cães e gatos. O horário de funcionamento era de segunda a sexta das 8:30 às 11:45h, 13:30 às 18:30h e aos sábados das 8:30 às 11:45h. A clínica realiza plantão de segunda a sexta, das 18:30 às 23h e aos finais de semana das 8:30 às 23h. Os atendimentos eram realizados com horário marcado, com exceção dos casos de emergência.

A clínica possui dois pavimentos, onde no primeiro andar encontra-se a recepção juntamente com um *pet shop* e sala de espera. Possui também dois consultórios para atendimento clínico, sendo um mais utilizado para realização de exames, um bloco cirúrgico, banheiro e um setor para o internamento de cães e gatos.

Figura 1 - Apresentação do local de estágio curricular obrigatório, fachada da Clínica Veterinária Coisa de Bicho em Bento Gonçalves, RS



Fonte: Elisa de Cesero (2021).

Na recepção encontra-se o *pet shop*, onde disponibiliza-se produtos para cães e gatos, neste espaço também era feito o cadastro dos pacientes.

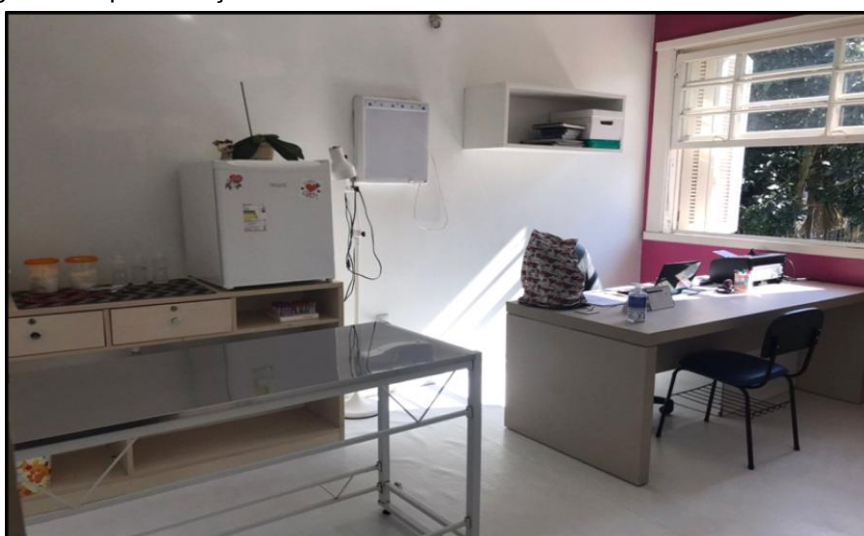
Figura 2 - Apresentação do pet shop e da recepção da Clínica Veterinária Coisa de Bicho



Fonte: Elisa de Cesero (2021).

O consultório 1 (Figura 3) era disponibilizado para atendimento clínico, vacinações e alguns exames. O consultório possuía um computador, onde era possível acessar todo o histórico dos animais atendidos na clínica e anexar informações de consultas, anamneses, exames clínicos e a terapêutica de novos pacientes. Neste consultório também havia um microscópio.

Figura 3 - Apresentação da estrutura do consultório 1 da Clínica Coisa de Bicho



Fonte: Elisa de Cesero (2021).

O consultório 2 (Figura 4) era disponibilizado para atendimento clínico, vacinações, sendo priorizado para realização de exames de imagem.

Figura 4 - Apresentação da estrutura do consultório 2 da Clínica Coisa de Bicho



Fonte: Elisa de Cesero (2021).

A ala de internação (Figura 5) não possuía separação entre as espécies, mas conta com 14 baias individuais para cães e gatos, os comedouros e bebedouros não são compartilhados e são higienizados duas vezes ao dia.

Cada animal internado possuía uma prescrição médica, onde constava seu nome, sua suspeita diagnóstica, o peso e demais dados relevantes do paciente, todas as medicações que estavam sendo administradas e o horário de cada aplicação. Também eram verificados os parâmetros vitais de todos os pacientes três vezes ao dia, se ele havia se alimentado, urinado, defecado, se ele havia apresentado episódios de vômito, diarreia ou qualquer outra alteração. Tudo era detalhadamente anotado para um melhor controle do animal internado.

A clínica não possui isolamento de doenças infectocontagiosas de fácil transmissão. Assim estes animais, eram encaminhados para outra clínica ou hospital.

Figura 5 - Apresentação das instalações da sala de internação da Clínica Coisa de Bicho



Fonte: Elisa de Cesero (2021).

Ao lado do bloco cirúrgico havia uma sala exclusiva para a antissepsia e esterilização dos materiais. O bloco cirúrgico era bem amplo e climatizado e possuía uma mesa cirúrgica adaptada para diversos tamanhos e pesos dos animais.

Figura 6 - Apresentação sala de esterilização (A) e bloco cirúrgico (B) da Clínica Coisa de Bicho



Fonte: Elisa de Cesero (2021).

A clínica conta com três veterinárias, especializadas em cães e gatos, sendo uma com especialização em cirurgia de cães e gatos e oncologia. Os exames de imagem são realizados por veterinários parceiros, que iam até a clínica para realização dos exames solicitados.

Todos os pacientes que eram submetidos a procedimentos cirúrgicos eram solicitados à realização de exame de hemograma e bioquímicos, as amostras eram coletadas na clínica e encaminhadas para laboratório de apoio.

3 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

As atividades desenvolvidas durante o período do estágio curricular tiveram ênfase na Área de Clínica Médica e Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais, sendo possível acompanhar a rotina de todos os setores da clínica. Neste período, acompanhou-se a ala de internação, a rotina clínica e cirúrgica. Nas consultas, era possível acompanhar as informações obtidas junto ao tutor, a conduta do veterinário frente ao histórico e sinais clínicos, exames solicitados, e a terapêutica. Era responsabilidade do estagiário recepcionar o tutor e o animal até o consultório.

Foi possível acompanhar pacientes oncológicos atendidos na rotina e acompanhou-se alguns procedimentos quimioterápicos. Nesses pacientes foram possíveis observar a redução dos nódulos, conforme o protocolo de quimioterapia era realizado.

Na ala de internação foi possível acompanhar e auxiliar o veterinário em todas as atividades, incluindo o monitoramento e a reavaliação dos pacientes, era possível discutir a evolução dos casos, realizar a preparação e aplicação de medicamentos, manutenção da fluidoterapia, coleta para glicemia, avaliação de débito urinário, desobstruções verificação da viabilidade e troca de acesso venoso, aferição dos parâmetros vitais três vezes ao dia, higienização e alimentação dos pacientes, auxílio na coleta de sangue, manejo de feridas, sempre com supervisão. Tudo, sem exceção, era anotado na ficha de evolução do paciente para um melhor controle. Era permitido aos tutores, visitarem seus animais, desde que combinassem com o veterinário responsável o horário.

Já na parte anestésica e cirúrgica, era possível auxiliar na preparação do paciente, com o anestesista auxiliando na avaliação, escolha de protocolo anestésico e avaliação de parâmetros. Posteriormente a indução, podia ser realizado a tricotomia e assessorar o cirurgião.

Após a conclusão do procedimento cirúrgico, o animal era encaminhado a internação onde eram aplicadas as medicações pós-operatórias, e efetuado o monitoramento dos mesmos até estabilização. O animal recebia alta após a avaliação clínica e de exames do paciente.

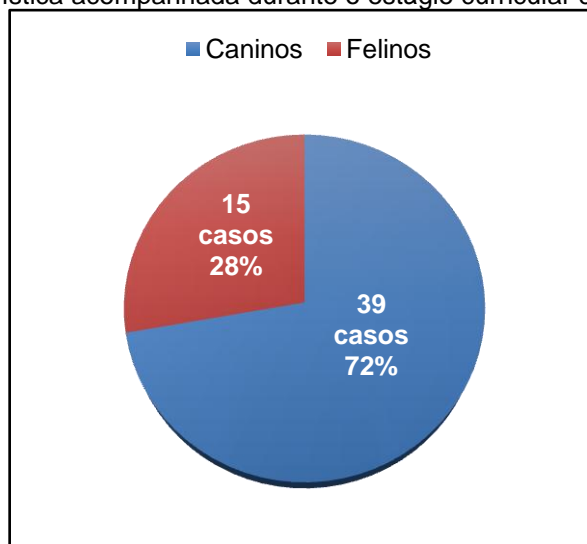
Na rotina clínica, o estagiário acompanhava consultas revisões e auxiliava na contenção do animal, vacinas, a realização de testes rápidos de ELISA para diagnósticos de enfermidades como FIV e FeLV, testes de parvovirose e cinomose.

Acompanhava também a realização de ultrassonografias e as coletas de exames laboratoriais e exames citológicos.

3.1 CASUÍSTICA

Durante o estágio curricular obrigatório na Clínica Coisa de Bicho foram acompanhados 54 casos clínicos, representados por 39 caninos (72%) e 15 (28%) felinos. Dentre os 54 casos acompanhados neste período, 5 foram inconclusivos. Em ambas as espécies, a maioria dos animais eram sem raça definida.

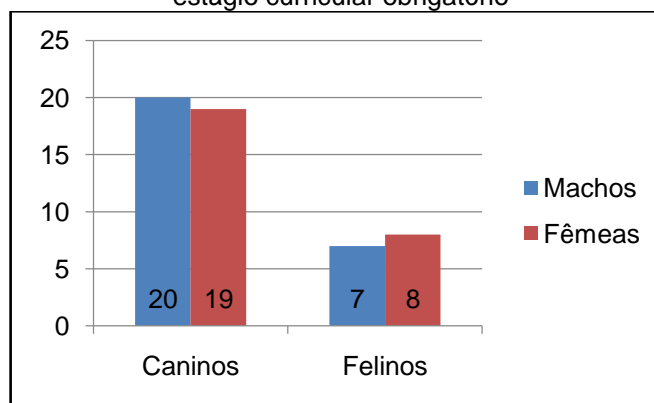
Gráfico 1- Casuística acompanhada durante o estágio curricular conforme espécie.



Fonte: Elisa de Cesero (2021).

Entre os cães, 20 eram machos e 19 eram fêmeas. Quanto ao sexo dos felinos, 7 eram machos e 8 fêmeas, em ambas espécies a maioria dos animais era de animais sem raça definida.

Gráfico 2 - Apresentação da distribuição por sexo em caninos e felinos acompanhados durante o estágio curricular obrigatório



Fonte: Elisa de Cesero (2021).

Na Tabela 1 estão todos os procedimentos ambulatoriais realizados e acompanhados no período de estágio curricular obrigatório na Clínica Médica de Pequenos Animais de ambas as espécies.

Tabela 1 - Procedimentos ambulatoriais acompanhados na Clínica Veterinária Coisa de Bicho durante o estágio curricular obrigatório, dividido por espécies.

(continua)

Procedimentos	Canino	Felino	Total	%
Acesso venoso	44	20	64	22,94%
Coleta de sangue	38	18	56	20,07%
Vacinação óctupla	35	0	35	12,54%
Vacinação antirrábica	22	10	32	11,47%
Quimioterapia	16	0	16	5,73%
Aferição de glicose	9	0	9	3,23%
Ultrassonografia	7	1	8	2,87%
Vacinação quártupla	0	7	7	2,51%
Vacinação traqueobronquite infecciosa	7	0	7	2,51%
Vacinação tríplice	0	5	5	1,79%
Abdominocentese	5	0	5	1,79%
Fluidoterapia subcutânea	1	4	5	1,79%
Citologia aspirativa por agulha fina	3	1	4	1,43%
Teste FIV/FelV	0	4	4	1,43%
Eutanásia	4	0	4	1,43%
Criocirurgia	1	2	3	1,08%

(conclusão)				
Procedimentos	Canino	Felino	Total	%
Toracocentese	3	0	3	1,08%
Sondagem uretral	2	1	3	1,08%
Vacinação <i>Giárdia</i>	3	0	3	1,08%
Teste de Elisa - parvovirose canina	2	0	2	0,72%
Ecocardiograma	2	0	2	0,72%
Retirada de espinho de ouriço	1	0	1	0,36%
Enema	0	1	1	0,36%
Total	205	74	279	100,00%

Fonte: Elisa de Cesero (2021).

Alguns procedimentos ambulatoriais foram acompanhados com maior frequência, como por exemplo: acesso venoso para venóclise, coletas de sangue para exames e vacinações. A clínica frequentemente realizava vacinações em caninos e felinos, sendo comum em cães a vacinação óctupla, antirrábica, giárdia e traqueobronquite infecciosa canina. Felinos também recebiam imunização antirrábica e vacina tríplice ou quádrupla. Era padrão testar os felinos para FIV/FeLV antes de serem vacinados com a quádrupla.

As coletas sanguíneas eram utilizadas para realização de hemograma, bioquímica sérica, entre outros. Os exames complementares sanguíneos são importantes para o diagnóstico de enfermidades, acompanhar a evolução do tratamento e para avaliação do estado geral dos pacientes que são encaminhados para procedimento cirúrgico. A colheita do sangue, geralmente era feita através da veia jugular externa.

A casuística clínica foi agrupada em grupos de afecções, conforme Tabela 2. Observou-se o maior número de afecções tegumentares em 37,50% dos casos.

Tabela 2 - Casuística Clínica por grupo de afecções acompanhadas durante o estágio curricular obrigatório na Clínica Veterinária Coisa de Bicho de 02/08/2021 à 06/11/2021

(continua)				
Grupo da afecção	Canino	Felino	Total	%
Tegumentares	15	3	18	37,50%
Genitourinário	4	5	9	18,75%
Digestório e glândulas anexas	4	5	9	18,75%
Infectocontagiosa	5	1	6	12,50%
Musculoesqueléticas	2	0	2	4,17%

Grupo da afecção	Canino	Felino	Total	(conclusão)
				%
Endócrinas	2	0	2	4,17%
Cardiovasculares	2	0	2	4,17%
Total	34	14	48	100,00%

Fonte: Elisa de Cesero (2021).

O sistema tegumentar foi o mais acompanhado, dentre eles, as afecções mais observadas foram a otite, a dermatite alérgica à picada de ectoparasitas (DAPE) e a dermatite atópica.

A otite externa é caracterizada como uma inflamação do conduto auditivo externo é uma doença multifatorial comum em cães, os animais com esta afecção apresentavam prurido, secreção, hiperemia e dor. Diversos fatores podem estar envolvidos no desenvolvimento dessa enfermidade, como por exemplo, excessiva umidade do conduto auditivo, raças com predisposição, entre outras. O protocolo diagnóstico inclui a realização de um histórico detalhado, exame clínico com otoscopia e citologia auricular (PATERSON, 2016). A DAPE é uma enfermidade de pele comum em caninos e felinos, sensibilizados às proteínas da saliva da pulga por meio de picadas (HNILICA, 2012). Nos animais diagnosticados com esta afecção, era comum observar pulgas, lesões pruriginosas, piodermite e crostas, geralmente eram distribuídas nas áreas lombossacral e caudodorsal do animal. O diagnóstico era baseado por meio do tratamento terapêutico no controle de ectoparasitas, que após a terapia, o animal que apresentava melhora no retorno clínico confirmava-se a DAPE.

A dermatite atópica em cães, também chamada de atopia, é uma dermatite inflamatória, crônica e pruriginosa, onde ocorre uma reação de hipersensibilidade a antígenos alimentares ou ambientais. Era comum, nesses casos o tutor relatar prurido, no exame físico do animal era possível observar lesões eritematosas e alopecias. O diagnóstico se realizava de maneira a excluir outras enfermidades, como a DAPE ou hipersensibilidade alimentar.

Tabela 3 - Afecções tegumentares acompanhadas na rotina clínica de pequenos animais durante estágio curricular obrigatório

Afecções tegumentares	Caninos	Felinos	Total	%
Otite	3	0	3	16,67%
Dermatite alérgica à picada de ectoparasitas	1	1	2	11,11%
Dermatite atópica	2	0	2	11,11%
Lipoma	2	0	2	11,11%
Oto-hematoma	2	0	2	11,11%
Inflamação da glândula anal	1	0	1	5,56%
Picada de aranha	1	0	1	5,56%
Piodermite	1	0	1	5,56%
Mastocitoma	1	0	1	5,56%
Carcinoma de células escamosas	0	1	1	5,56%
Mordida por outro animal	1	0	1	5,56%
Dermatofitose	0	1	1	5,56%
Total	15	3	18	100,00%

Fonte: Elisa de Cesero (2021).

O sistema geniturinário foi um dos mais acompanhados, e a cistite bacteriana e a doença renal crônica foram as enfermidades mais observadas. O diagnóstico baseou-se no histórico clínico do animal, acompanhado de exames laboratoriais. Nos pacientes renais crônicos, no ultrassom era possível observar alterações morfológicas dos rins.

Tabela 4 - Afecções genitourinárias acompanhado na rotina clínica de pequenos animais durante o período de estágio curricular obrigatório

Afecções genitourinárias	Canino	Felino	Total	%
Doença renal crônica	1	2	3	33,33%
Cistite bacteriana	1	2	3	33,33%
Doença renal aguda	0	1	1	11,11%
Piometrite aberta	1	0	1	11,11%
Piometrite fechada	1	0	1	11,11%
Total	4	5	9	100,00%

Fonte: Elisa de Cesero (2021).

No sistema digestório, foi acompanhado a doença periodontal com oito casos. Esta afecção é frequentemente observada na clínica de pequenos animais, ela ocorre devido ao acúmulo de placa bacteriana na superfície dos dentes. Os animais que apresentavam essa enfermidade, normalmente tinham halitose e dor ao comer.

Foi acompanhado somente um caso de cirrose, em um canino, fêmea, da raça Dachshund. No exame físico, foi observado que a mucosa oral estava levemente ictérica e na palpação abdominal foi constada ascite. Foi solicitado exames de hemograma, bioquímicos e ultrassonografia. O tratamento recomendado foi a base de diurético e hepatoprotetores.

Tabela 5 - Afecções do sistema digestório e glândulas anexas acompanhadas na rotina clínica de pequenos animais durante o estágio curricular obrigatório

Afecções digestórias e glândulas anexas	Caninos	Felinos	Total	%
Doença periodontal	3	5	8	88,89%
Cirrose	1	0	1	11,11%
Total	4	5	9	100,00%

Fonte: Elisa de Cesero (2021).

Nas doenças infectocontagiosas, a traqueobronquite infecciosa canina, conhecida como tosse dos canis, apresentou o maior número de casos. É uma doença contagiosa que acomete o trato respiratório dos cães, podendo ocorrer em animais de qualquer idade (SUZUKI et al., 2008). Nos caninos acometidos por essa enfermidade, era comum a ocorrência de tosse associados à dificuldade respiratória.

Tabela 6 - Afecções infectocontagiosas acompanhadas na rotina clínica de pequenos animais durante o estágio obrigatório

Afecções infectocontagiosas	Caninos	Felinos	Total	%
Traqueobronquite canina	3	0	3	50,00%
Parvovirose canina	2	0	2	33,33%
Vírus da leucemia felina (FeLV)	0	1	1	16,67%
Total	5	1	6	100,00%

Fonte: Elisa de Cesero (2021).

A Tabela 7 demonstra a casuística das afecções musculoesqueléticas, onde foram acompanhados somente dois casos, ambos em caninos. Um dos casos acompanhados foi à artrose, que se caracteriza, por ser, uma enfermidade progressiva, que acomete a cartilagem de articulações sinoviais. É uma doença crônica, de evolução lenta (CALDEIRA et al., 2002). O tratamento preconizado foi com administração de condroitina e anti-inflamatórios, objetivando reduzir a inflamação e a dor. Também era recomendado realizar exercícios leves, como caminhada.

Tabela 7 - Afecções musculoesqueléticas acompanhadas na rotina clínica de pequenos animais durante o estágio curricular

Afecções musculoesqueléticas	Caninos	Felinos	Total	%
Artrose	1	0	1	50,00%
Reabsorção óssea	1	0	1	50,00%
Total	2	0	2	100,00%

Fonte: Elisa de Cesero (2021).

No grupo de doenças endócrinas, foi acompanhado dois casos de *diabetes mellitus*, ambos em caninos. A *diabetes mellitus* atualmente é a doença endócrina mais frequente na clínica de cães (DALECK, 2016).

Tabela 8 - Afecções endócrinas acompanhadas na rotina clínica de pequenos animais durante o estágio curricular obrigatório

Afecções endócrinas	Caninos	Felinos	Total	%
<i>Diabetesmellitus</i>	2	0	2	100,00%
Total	2	0	2	100,00%

Fonte: Elisa de Cesero (2021).

Nas afecções cardiovasculares, foi acompanhado dois casos. A insuficiência cardíaca congestiva é comum em animais idosos, os sinais clínicos observados são intolerância ao exercício e dificuldades respiratórias. O tratamento preconizado foi com utilização de diuréticos e cloridrato de benazepril. O diagnóstico foi realizado através do exame de raio-X de tórax, onde observou-se o aumento do volume do coração e o acúmulo de líquido nos pulmões, ecocardiograma com alteração evidente na espessura das paredes, padrões de fluxo sanguíneo, tamanho e função das câmaras cardíacas.

Tabela 9 – Afecções cardiovasculares acompanhadas na rotina clínica de pequenos animais durante o estágio curricular obrigatório

Afecções cardiovasculares	Caninos	Felinos	Total	%
Insuficiência cardíaca congestiva	1	0	1	50,00%
Tumor cardíaco*	1	0	1	50,00%
Total	2	0	2	100,00%

*Diagnóstico presuntivo

Fonte: Elisa de Cesero (2021).

Quanto aos procedimentos cirúrgicos e anestésicos acompanhados, os que tiveram maior casuística foram a profilaxia dentária, em (33,33%) dos casos, a ovário-histerectomia em 23,81% dos casos e a orquiectomia em (19,05%) dos casos. Também foi possível auxiliar e acompanhar diversos procedimentos

cirúrgicos e anestésicos realizados. Dentre as ovário-histerectomias, duas na espécie canina, foram terapêuticas, devido Piometrite, as demais foram eletivas.

Tabela 10 - Procedimentos cirúrgicos e anestésicos acompanhados na rotina clínica de pequenos animais durante o período de estágio curricular obrigatório

Procedimentos cirúrgicos/anestésicos	Canino	Felino	Total	%
Profilaxia dentária	2	5	7	33,33%
Ovário-histerectomia	4	1	5	23,81%
Orquiectomia	3	1	4	19,05%
Cesaria	0	1	1	4,76%
Linfadenectomia	1	0	1	4,76%
Cistotomia	1	0	1	4,76%
Mastectomia total unilateral	1	0	1	4,76%
Uretrostomia	1	0	1	4,76%
Total	13	8	21	100,00%

Fonte: Elisa de Cesero (2021).

4 RELATO DE CASOS CLÍNICOS

4.1 PIOMETRITE EM CADELA

A piometrite (piometra) é descrita como um processo inflamatório do útero, definida pelo acúmulo de secreção purulenta no lúmen uterino que decorrem de uma hiperplasia endometrial cística (HEC) concomitante a uma infecção bacteriana. É a afecção mais frequentemente observada das uteropatias em cadelas (JONES et al., 2007).

Sua etiologia abrange diversos fatores, incluindo estímulo hormonal de progesterona e estrógeno, que se manifesta no começo do diestro, estimulando o crescimento da glândula endometrial e aumento de fluídos, para sustentar uma possível prenhez (WEISS et al, 2004). A utilização de estrógenos e progesterona para suprir o cio, são fatores que predispõem as fêmeas a infecções uterinas. Bactérias do trato genital inferior podem colonizar o útero e provocar a infecção (VOLPATO et al., 2018).

A *Escherichia coli* se sobressai como o agente frequentemente isolado no lúmen endometrial, mesmo não sendo encontrado na microbiota bacteriana normal do canal vaginal, essa possui afinidade pelo endométrio e miométrio, alojando-se de forma estável na parede uterina (CHAN, 2000).

As fêmeas mais acometidas são nulíparas com mais de sete anos de idade, por consequência das longas e repetidas estimulações de progesterona endógena no útero.

A doença pode ser classificada em aberta ou fechada, e os sinais clínicos são variáveis, dependendo muito da sua classificação. Na piometrite de cérvix aberta é comum apresentar secreção vaginal fétida, sanguinolenta a purulenta, geralmente estas, se apresentam menos doentes do que as cadelas com piometrite de cérvix fechada e no início da doença, podem não apresentar outro sinal clínico (PRETZER, 2008). No entanto, cadelas com piometrite de cérvix fechada, se encontram em pior estado, com sinais de apatia, poliúria, polidipsia, êmese e distensão abdominal. As cadelas se apresentam desidratadas, septicêmicas e toxêmicas, febre pode ser observada nas fêmeas acometidas, aquelas com toxemia podem até mesmo se apresentarem hipotérmicas. Além disto, frequentemente não há evidência de secreção vaginal (MARTINS, 2007).

O diagnóstico ocorre através de uma anamnese detalhada, considerando o período aproximado do último cio, administração de hormônios exógenos, exame físico e exames complementares (SILVA, 2009). Os diagnósticos diferenciais desta enfermidade são realizados com mucometra, endometrite, vaginite, entre outras. Certas enfermidades como a mucometra, ahidrometra e a ascite podem ser confundidas com a piometrite (SMITH, 2006).

A forma mais indicada de tratamento é a ovário-histerectomia (OVH), normalmente com bom prognóstico após a cirurgia. Uma semana posteriormente ao procedimento, o animal não deve mais apresentar sinais clínicos (BARSANTI, 2006). Também há possibilidade do tratamento por medicamentos que são baseados na utilização de prostaglandinas e antibiótico, em cadelas com piometrite de cérvix aberta, em que os tutores desejam manter o valor reprodutivo da fêmea. Nestes casos, é importante realizar a cultura vaginal e antibiograma para auxiliar na escolha do antimicrobiano mais indicado (TRAUTWEIN et al., 2018).

Este relato tem como objetivo descrever um caso de piometrite em uma cadela atendida na Clínica Veterinária Coisa de Bicho durante o período de estágio curricular.

4.1.1 Relato de Caso

Foi atendido na Clínica Coisa de Bicho, uma cadela, fêmea, da raça Pinscher, não castrada, pesando 3Kg e com 11 anos de idade. A tutora relatou que o animal se apresentava prostrado, com anorexia e episódios de vômito na última semana, com observação de cio há aproximadamente um mês anterior ao quadro. Não fez uso de contraceptivo injetável.

No exame físico o animal se apresentou dócil, levemente apático, mucosas levemente hipocoradas, linfonodos sem alterações, frequência cardíaca (FC) e frequência respiratória (FR) dentro da normalidade do valor de referência, ausculta pulmonar e temperatura corpórea sem alterações, ausência de secreção vulvar, o tempo de retração da prega cutânea e tempo de repleção capilar estavam dentro dos parâmetros (inferior a dois segundos), tendo sido estimado um valor de desidratação inferior a 5%. Na palpação abdominal foi constada algia e aumentado volume abdominal.

Com base na anamnese e exame físico, foi solicitado hemograma completo, onde foi observado leucocitose, com presença de neutrofilia, uma leve anemia normocítica e normocrômica e discreta trombocitopenia.

Tabela 11 – Resultados do exame hematológico da paciente para a obtenção do diagnóstico

Hemograma	Resultado	Valor de Referência
Leucócitos	19,4 mil/mm ³	6 - 17 mil/mm ³
Neutrófilos	14,450 mL	3 - 11,5 mL
Hemácias	5,3 milhões	5,5 - 8,5 milhões mm ³
VCM	62,3 u ³	60 - 77 u ³
HCM	29,6 uug	20 - 25 uug
Plaquetas	188.000 mm	200 - 500.000 mm

Fonte: Elisa de Cesero (2021).

Foram solicitados exames bioquímicos para avaliação de alanina aminotransferase (ALT), creatinina, fosfatase alcalina (FA) e ureia. Os resultados encontrados, para proteínas totais plasmáticas (PPT) 10,0g% (6-8g%) e fosfatase alcalina 322,4mg/dL (10-92 mg/dL), ambas apresentaram um aumento e os demais exames ficaram dentro dos valores de referência.

Também foi solicitado exame ultrassonográfico abdominal, onde se constatou útero em sua porção de corpo com dimensões alteradas aumentadas (3,41 cm em média), com espessura aumentada, conteúdo heterogêneo (líquido com celularidade) em grande quantidade, achados compatíveis com piometrite. No baço verificou-se contornos definidos, superfície regular, margens abauladas, ecogenicidade normoecóica e textura heterogênea, vasos lineais preservados, compatível com esplenomegalia. Os demais órgãos avaliados se encontravam dentro da normalidade.

Confirmando o diagnóstico de piometrite do tipo fechada, o animal foi conduzido ao setor cirúrgico da Clínica Coisa de Bicho, para ser submetido ao procedimento de ovário-histerectomia (OVH) para o seu tratamento. Na MPA optou-se pela administração de morfina 0,3mg/Kg e midazolam 0,1mg/Kg por via intramuscular (IM). Em seguida, o animal foi induzido com 2mg/kg de propofol e cetamina 2mg/Kg por via intravenosa (IV) e após, realizado entubação orotraqueal, onde o animal foi mantido em plano anestésico através da anestesia inalatória, recebendo por via intratraqueal isoflurano. Posteriormente, realizou-se a tricotomia ampla e antissepsia com clorexidina 4% e álcool da região abdominal, em seguida

posicionou-se o pano de campo, foi fixado com pinças Bakaus. Iniciou-se a intervenção cirúrgica, animal posicionado em decúbito dorsal, foi realizada a incisão da pele na posição pré-retroumbilical, na linha alba pelo bisturi, após com a pinça de Allis, procedeu-se com incisão em estocada da parede abdominal, expandindo a incisão com auxílio da tesoura de Mayo. Após a incisão, tendo acesso a cavidade abdominal, foi possível observar facilmente o útero de tamanho aumentado, sendo exteriorizado da cavidade e procedendo com a técnica das três pinças, utilizada para retirada dos ovários e o corpo uterino. A primeira pinça é posta, para fazer o sulco para a ligadura, a segunda é utilizada para segurar o pedículo ovariano e a terceira para evitar o refluxo sanguíneo, realizado nos dois lados. Após, o mesmo procedimento foi utilizado para a retirada do corpo uterino, com ligaduras transfixantes.

Figura 7– Canino, fêmea, Pinscher: durante o procedimento foi identificado o útero aumentado devido á piometrite



Fonte: Elisa de Cesero (2021).

Após a retirada do útero e ovários, foi realizado a omentopexia no coto uterino, com o objetivo de evitar aderências, neste momento procedeu-se a avaliação da cavidade abdominal para certificação de que não havia sangramento. Em seguida, ao confirmar não haver intercorrências, iniciou-se o fechamento da cavidade abdominal com a sutura em padrão Sultan com fio de poligalactina 3-0, do subcutâneo com sutura em padrão zig-zag com fio de poligalactina 3-0 e a pele com

padrão Wolf e fio de Nylon 3-0. Após finalização dos pontos de sutura na pele, foi colocado um curativo na ferida cirúrgica com gaze e micropore, juntamente com tintura de benjoim e colocou-se também a roupinha cirúrgica, para a proteção da área.

Ao final do procedimento, foi administrado Meloxicam® 0,1mg/Kg, dipirona 25mg/Kg e tramadol 3mg/Kg, todos por via subcutânea. Para domicílio foi prescrito Meloxicam® 0,05mg/Kg SID por mais 5 dias, metronidazol 25 mg/Kg BID, e amoxicilina com clavulanato 24 mg/Kg durante 7 dias e dipirona 25 mg/Kg TID durante 4 dias.

Após 10 dias de alta médica, o animal retornou á clínica para a retirada dos pontos e verificou-se que estava clinicamente bem.

4.1.2 Discussão

O diagnóstico de piometrite do tipo fechada foi confirmado com a observação do histórico clínico junto ao tutor, pelos sinais clínicos e a realização de exames complementares. Essa afecção é muito comum na rotina clínica de pequenos animais, em cadelas adultas a idosas (VOLPATO, 2019). O animal apresentava-se dentro da faixa etária de risco, estando de acordo com dados descritos na literatura.

Nos casos mais crônicos, é observado no leucograma uma leucocitose por neutrofilia com desvio à esquerda, já em casos que o animal se encontra em uma fase não tão severa da infecção, só será encontrado uma leucocitose por neutrofilia sem desvio à esquerda (CORRÊA, 2020). Estudos mostram que cerca de 25% dos casos de piometrite, apresentam leucograma normal, e alguns casos podem apresentar uma leucopenia com desvio à esquerda degenerativo e toxicidade neutrofilica em animais com septicemia (BARSANTI, 2006).A cadela analisada apresentou leucocitose por neutrofilia sem desvio à esquerda.

No eritrograma de cadelas, com piometrite pode apresentar alterações como anemia normocítica normocrômica, podendo ser de leve a moderada, entende-se que isso seja reflexo da natureza crônica e inflamatória da enfermidade e da supressão tóxica da medula óssea (VERSTEGEN et al., 2008). Anemia normocítica normocrômica está presente em 25,7% dos animais acometidos com essa enfermidade. Segundo (MURAKAMI et al., 2011), os achados laboratoriais como leucocitose e anemia normocítica normocrômica arregenerativa e o aumento da FA

podem ser encontrados. O aumento da FA é um dos achados clínicos mais constantes dos exames bioquímicos em cadelas com esta enfermidade, observada geralmente em 50 a 75% dos casos. Normalmente, esse aumento é de leve a moderado e está relacionado possivelmente a septicemia ou pela diminuição da circulação sanguínea, acarretada pela desidratação (NELSON et al., 2003). A paciente apresentava a FA aumentada. A trombocitopenia pode ser observada com consequência da septicemia (FELDMAN, 2004).

Através da ultrassonografia as cadelas apresentam variação na espessura da parede uterina e distensão do volume uterino (CONRADO, 2009). Nesse caso foi possível verificar as alterações ultrassonográficas que consta na literatura compatíveis com a afecção.

O tratamento preconizado foi a cirurgia de ovário-histerectomia terapêutica além da antibioticoterapia, pois se tratava de uma piometrite do tipo fechada e por ser a forma mais eficiente. É o tratamento de escolha de diversos veterinários, independente da idade ou da classificação da enfermidade (OLIVEIRA, 2007).

É indispensável que se tenha completo conhecimento dessa enfermidade, desde sua patogenia até seu tratamento. Os sinais clínicos são muito específicos, direcionando a suspeita de diagnóstico. A OVH é o único meio de prevenção para essa doença, além de prevenir outras doenças uterinas e ovarianas e até o surgimento de neoplasias mamárias. O tratamento cirúrgico é o mais indicado, evitando assim recidivas, complicações e tendo melhor resultado.

4.1.3 Mastocitoma em mucosa oral com metástase em linfonodo mandibular em canino

Atualmente, neoplasias como o mastocitoma são frequentemente observadas na espécie canina, esse tipo de tumor vem aumentando consideravelmente nos últimos anos. Essa crescente incidência das afecções neoplásicas nesta espécie tem diversos motivos, entre eles está a maior longevidade observada nesses animais (WITHROW, 2007).

Esse tipo de neoplasia é descrita por uma proliferação anormal de mastócitos, sendo mais prevalente na pele de cães. Na espécie canina, são responsáveis por aproximadamente 7 a 20% de todas as neoplasias cutâneas malignas (SILVA et al., 2014; KIUPEL, 2017).

As regiões cutâneas mais acometidas são de tronco, perineal, genital e inguinal, que correspondem à localização de 50% de todos os mastocitomas cutâneos, 40% se encontram nos membros e apenas 10% dos casos apresentam-se em cabeça e pescoço (FURLANI et al., 2008). Alguns pesquisadores acreditam que mastocitomas que se manifestam na cavidade oral, regiões prepuciais e perineal, demonstram comportamento maligno independentemente da classificação histológica, sendo estes, mais propensos a apresentarem recidivas ou metástases se comparados aos de outros locais (FOX, 1998).

A origem dessa neoplasia, ainda é desconhecida, entretanto, tem sido encontrado em locais de inflamações ou lesões crônicas. Algumas raças estão entre as mais acometidas, como o Boxer, Labrador, Golden Retriever, Bull Terrier, Beagle, entre outras. Sua incidência é maior em cães adultos e idosos, média de idade de 8 a 11 anos. Não há evidência de predisposição sexual para o mastocitoma (DALECK et al., 2016; NELSON; COUTO, 2015; FOX, 1998).

A graduação histológica apresentada por Patnaiket al. (1982) e Kiupel et al.(2011) não pode ser aplicada aos mastocitomas extra-cutâneos e o diagnóstico histológico dos mastocitomas em cavidade oral, se baseia pela avaliação do índice mitótico e avaliação de linfonodos com metástases na avaliação prognóstica, podendo orientar os médicos veterinários em uma terapia mais rigorosa, devido sua localização(ELLIOT et al., 2016).

A imuno-histoquímica é um método auxiliar de diagnóstico, é empregado para reconhecer os chamados “marcadores tumorais”, geralmente proteínas filamentosas componentes do citoesqueleto de algumas células normais e presentes em seus correspondentes neoplásicos. Em alguns casos, é necessária a realização desse exame, para fornecer o diagnóstico definitivo (MILLER et al., 1992).

A procura de um protocolo terapêutico mais adequado para o tratamento dos mastocitomas caninos tem sido um dos fundamentais objetivos da oncologia veterinária (MERLO, 2000). O tratamento pode ser elaborado com uma técnica ou com a combinação de duas ou mais, sendo excisão cirúrgica, quimioterapia, radioterapia e a eletroquimioterapia, além da terapia de suporte. No entanto, o tipo de tratamento a ser selecionado, depende da região do tumor e do estágio clínico (SOUZA et al. 2018).

Este relato tem como objetivo descrever um caso de mastocitoma, em mucosa oral com metástase em linfonodo submandibular, em uma cadela atendida na Clínica Veterinária Coisa de Bicho durante o período de estágio curricular.

4.1.4 Relato de Caso

Foi atendido na Clínica Veterinária Coisa de Bicho, um canino da raça Golden Retriever, fêmea, castrada, pesando 45Kg e com sete anos de idade. Na primeira consulta, a tutora relatou que aproximadamente há um mês observou uma massa no lábio, no lado direito, notou crescimento, também relatou que o animal não aparentava sentir dor, apetite e comportamento normal, e não aparentava prurido.

No exame físico o animal se apresentou agitado, mucosas normocoradas, frequência cardíaca (FC) e frequência respiratória (FR) dentro da normalidade do valor de referência, ausculta pulmonar e temperatura corpórea sem alterações, tempo de retração da prega cutânea e tempo de repleção capilar estavam dentro dos parâmetros (inferior a dois segundos), tendo sido estimado um valor de desidratação inferior a 5%, linfonodos sem alterações. Na avaliação da boca do animal, foi observado um nódulo entre a mucosa e o lábio inferior direito, de aspecto firme e não ulcerado.

Com base na anamnese e exame físico, foi realizado exames de hemograma e bioquímicos, que não apresentaram alterações. Nesse momento não foi realizado a citologia, pois a paciente era agitada e não colaborativa, e para isso teria que ser feito analgesia, em conjunto com a tutora foi decidido pela excisão cirúrgica da massa. O procedimento foi realizado, a massa tumoral não afetava outras estruturas da cavidade oral, somente a mucosa e lábio inferior direito, conseguindo deixar uma margem de segurança de 1 cm, foi utilizado fio absorvível. No dia da cirurgia, o material foi enviado para histologia, como resultado o diagnóstico foi de mastocitoma, apresentando uma morfologia de mastócitos redondos com limites citoplasmáticos bem distintos, citoplasma basofílico e levemente granular, os núcleos redondos a irregulares com cromatina densa e nucléolos inconspícuos, o pleomorfismo celular e nuclear é moderado. A contagem mitótica é zero.

Após uma semana do procedimento cirúrgico, a tutora relatou observar um aumento no linfonodo. No exame físico a paciente se encontrava alerta, hidratada,

FC e FR dentro da normalidade, e temperatura corpórea normal. O processo de cicatrização do procedimento da massa tumoral em região oral estava de aspecto normal. Na palpação dos linfonodos, notou-se aumento do linfonodo submandibular. Também era comum no presente relato, notarmos mudanças no tamanho da massa tumoral, periodicamente, geralmente aumentando quando manipulado.

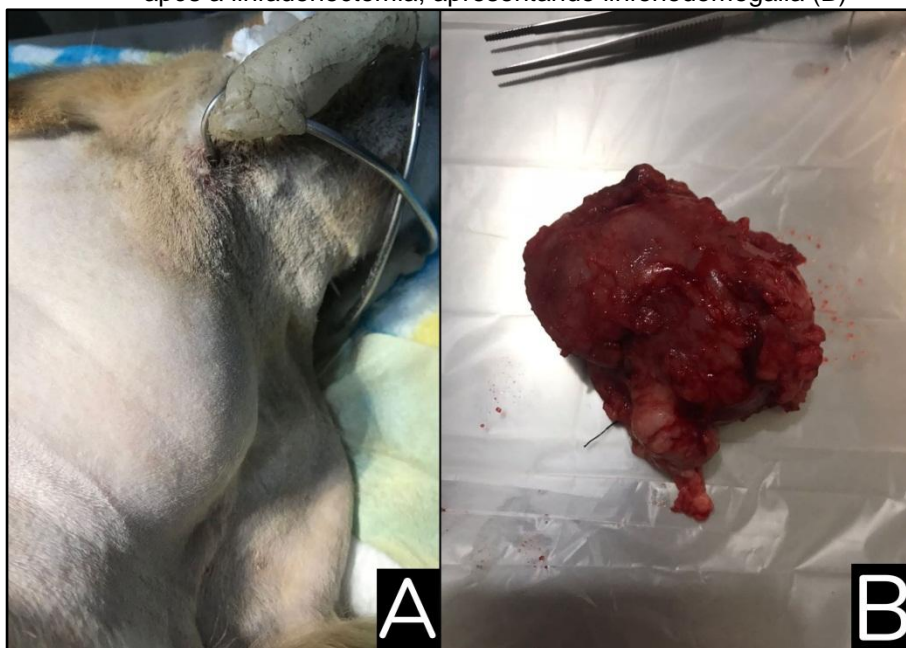
Com base no histórico e exame físico, foi feito o exame de citologia do linfonodo, o qual apresentou citologia sugestiva de mastocitoma metastático em linfonodo. Juntamente com a tutora foi optado pelo tratamento quimioterápico, e iniciou-se o protocolo de uso contínuo do corticoide prednisolona 20mg/Kg.

Antes de cada sessão de quimioterapia, foi realizado coleta de sangue, para avaliação dos índices hematológicos do animal. Foi recomendada seis sessões de quimioterapia, realizou-se cinco sessões, com uma frequência de duas vezes na semana, o protocolo utilizado foi vimblastina 2,5mg/m², por via intravenosa (IV), apresentando uma melhora significativa, já após a terceira sessão. Porém, na semana da sexta sessão, o animal foi atropelado, resultando em fratura completa de mandíbula, para correção foi realizado transfixação externa. Devido ao ocorrido o tratamento com corticoide e quimioterápico, foram suspensos por quinze dias, acarretando no aumento do tumor. Após a melhora, deu-se a sequência no protocolo, com mais duas sessões de quimioterapia, porém observou-se juntamente com a tutora um aumento significativo da massa tumoral em linfonodo. Foi optado pelo procedimento de linfadenectomia e a continuação do tratamento quimioterápico imediato.

No dia da cirurgia foi feito exames de hemograma e bioquímicos, os quais, não tiveram alterações. O animal foi conduzido ao setor cirúrgico da Clínica Coisa de Bicho, para ser submetido ao procedimento de linfadenectomia para o seu tratamento. Na MPA optou-se pela administração de Acepran® 1% 0,05mg/Kg e metadona 0,5 mg/Kg, por via intramuscular (IM). Em seguida o animal foi induzido com 5 mg/Kg de propofol e cetamina 2 mg/Kg por via intravenosa (IV) e após, realizado entubação orotraqueal, onde o animal foi mantido em plano anestésico através da anestesia inalatória, recebendo por via intratraqueal isoflurano. Posteriormente, realizou-se a tricotomia ampla e antissepsia com clorexidine 4% e álcool da região cervical do animal, posicionou-se o pano de campo. Iniciou-se a intervenção cirúrgica, animal posicionado em decúbito lateral esquerdo, foi realizada a palpação e a localização do linfonodo mandibular, após foi feito a incisão sobre a

pele e dissecação do tecido próximo do linfonodo e remoção do linfonodo mandibular direito, redução do subcutâneo com fio Nylon 2-0, pelo padrão simples contínuo e dermorráfia com fio de Nylon 2-0, pelo padrão isolado simples.

Figura 8 - Canino, fêmea, Golden: linfonodo mandibular direito aumentado (A). Linfonodo mandibular após a linfadenectomia, apresentando linfonodomegalia (B)



Fonte: Elisa de Cesero (2021).

Como medicação pós-operatória imediata foi administrado Meloxicam® 0,1 mg/Kg por via subcutânea. Após o procedimento cirúrgico, foi realizado uma sessão de quimioterapia com vimblastina 2,5 mg/Kg. Para domicílio foi prescrito prednisolona (0,5 mg/Kg, via oral, SID durante 15 dias, após 0,25 mg/Kg por dia) e clindamicina (Oralgard®, 5 mg/Kg via oral, a cada 12 horas, por 7 dias).

Os pontos foram retirados, 15 dias após o procedimento cirúrgico, a paciente apresentou uma boa cicatrização.

4.1.5 Discussão

O diagnóstico de mastocitoma foi confirmado com a observação do histórico clínico junto ao tutor, sinais clínicos e exames complementares. O relato descrito é de um animal da raça Golden Retriever, que está tem uma maior predisposição a mastocitoma, estando de acordo com a literatura, assim como a idade do animal (GOUGH et al., 2018).

Mastocitoma em cavidade oral é incomum e corresponde aproximadamente 1,8% e 0,8% das neoplasias orais em caninos e felinos (MURPHY et al., 2020). Há relatos dessa enfermidade na língua, gengiva, lábio, faringe e laringe (DENNIS et al., 2006; ELLIOT et al., 2016).

Um estudo retrospectivo realizado com 33 cães que apresentaram mastocitoma oral, onde 55% tiveram evidências citológicas de mastócitos em linfonodos regionais, os mesmos apresentaram um prognóstico geral pior (MURPHY et al., 2020). Neste caso, a paciente apresentou primeiramente nódulo em cavidade oral, com metástase em linfonodo regional. Optou-se por retirar somente o linfonodo mandibular direito, pois o outro não apresentava alterações pela citologia. Porém a literatura descreve a linfadenectomia radical como técnica preventiva de metástases, a remoção e avaliação minuciosa dos linfonodos tornam-se obrigatório no estadiamento do paciente oncológico (DALECK et al., 2016).

Frequentemente, os tutores relatam que as massas observadas no animal aumentam e diminuem de tamanho periodicamente, essas mudanças de tamanho são consequência do edema local e da inflamação produzida pela liberação de histamina e enzimas proteolíticas. No exame físico, a manipulação do tumor e a retirada de amostras para exames complementares provoca a degranulação massiva dos mastócitos, gerando uma rápida inflamação do local (OGILVIE et al., 1995).

O diagnóstico do mastocitoma é fundamentado principalmente na citologia e exame histopatológico. A citologia aspirativa com agulha fina (CAAF) é um método seguro, que possibilita o diagnóstico dessa neoplasia. Contudo, a histopatologia permite a determinação do índice mitótico do tumor, assim proporciona o delineamento adequado do tratamento (FURLANI et al., 2008).

O acometimento dos linfonodos por metástases resulta em um comportamento agressivo com envolvimento sistêmico, e em alguns casos pode levar a morte. Segundo HILLMAN et al. (2010); ELLIOT, et al.(2016) revelam que o mastocitoma oral e perioral apresentam metástases de 55 a 72% dos cães, o tempo médio de vida varia de nove a 14 meses.

Os exames de hemograma e bioquímicos do animal não evidenciaram alterações, estando de acordo com o relato por Nelson e Couto (2015), que geralmente os cães não apresentam alterações nestes exames.

O prognóstico de pacientes com essa neoplasia é muito relativo, dependendo dos sinais clínicos, localização do tumor, tempo de evolução, ainda se relata que mastocitomas em região de cavidade oral, tendem a ser mais agressivos (GIEGER et al., 2003; HILLMAN et al., 2010). O animal apresentou um prognóstico ruim, por ter apresentado um mastocitoma em região da cavidade oral, mas principalmente pela metástase em linfonodo regional. Podendo variar seu prognóstico, dependendo da sua resposta ao tratamento quimioterápico.

As principais técnicas utilizadas para alcançar um efetivo tratamento do mastocitoma, incluem excisão cirúrgica, quimioterapia antineoplásica e eletroquimioterapia, além de outras. A remoção cirúrgica de forma ampla é indicada para todos os tipos de mastocitoma. A ressecção da neoplasia deve ocorrer, sempre que viável, de forma a incluir margens de segurança, considerando 3 cm nas laterais e ao menos um plano profundo que não tenha sido comprometido pela neoplasia. Deve ser evitado, durante o procedimento, a manipulação excessiva do tumor, para que o processo de degranulação dos mastócitos não seja desencadeado. A recidiva tumoral é comum após excisão cirúrgica como única forma de tratamento (LAVALLE et al., 2004). Por se tratar de um mastocitoma oral, optou-se pelo tratamento quimioterápico, além da retirada da massa tumoral.

O uso do protocolo quimioterápico como tratamento dessa neoplasia em cães, é indicado para tumores de mastocitomas metastáticos e tumores não operáveis. Também é indicada a realização da quimioterapia, para mastocitomas sistêmicos e para promover a citorredução de massas tumorais para posterior excisão cirúrgica (NEVES et al., 2012).

Alguns autores têm sugerido diferentes protocolos com quimioterápicos, para inibir a divisão celular e impedir a proliferação de metástases, sugerindo protocolos de associação de fármacos como vimblastina e prednisolona. Permite-se ainda associar a esses fármacos, ciclofosfamida, que atua inibindo a síntese e divisão de DNA, atuando como um antineoplásico ciclocelular inespecífico. (DALECK et al., 2016). No canino, o tratamento pós-cirúrgico tem como protocolo mais três sessões de quimioterapiacom intervalo de 15 dias e prednisolona. A ciclofosfamida, 50mg/mm², via oral, SID, durante 4 dias, com início após uma semana do procedimento de linfadenectomia.

Conclui-se que o mastocitoma em região de cavidade oral apresentou característica de alta malignidade, mesmo tendo índice mitótico zero. Sua

classificação exige uma metodologia diferenciada dos demais mastocitomas, sendo importante a realização do exame histopatológico. Para um prognóstico mais favorável para o paciente é de suma importância um diagnóstico precoce, classificação correta e estadiamento da neoplasia, sendo o acompanhamento clínico periódico indispensável.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação profissional do médico veterinário é aprimorada no decorrer do estágio curricular supervisionado em medicina veterinária, pois possibilita acompanhar diariamente a rotina profissional médica veterinária, permitindo que o acadêmico crie uma ponte entre o conhecimento apreendido em sala de aula e a prática, que é essencial para o começo de uma nova fase.

Percebe-se que nem sempre a teoria vai de encontro com o que pode ser feito. Em algumas circunstâncias a dificuldade de diagnóstico e tratamento ocorre devido a carência financeira de um tutor, mostrando que algumas vezes, a criatividade se torna importante.

Com a apresentação de dois casos clínicos detalhadamente, notou-se a importância da utilização de métodos de diagnósticos complementares para alcançar um diagnóstico definitivo. Sendo essencial, explicar aos tutores a importância dos exames complementares para assim determinar um tratamento que seja mais eficaz para o paciente.

Além disso, observou-se que a clínica médica e cirúrgica de pequenos animais é um setor que estimula os envolvidos, tanto profissionais quanto discentes, a estudarem e se manterem sempre atualizados, sendo necessário muito treinamento e prática para garantir uma melhor qualidade de vida para os pacientes.

Um bom profissional é aquele que não somente objetiva o bem-estar-animal, mas que, além disso, possui uma boa relação interpessoal com seus colegas de profissão e clientes.

REFERÊNCIAS

- BARSANTI, J.A. GenitourinaryInfections. In: GREENE, C.E. **Infections Diseases of the Dog and Cat**. 3. ed. Missouri: Saunders, cap. 91, p. 935-961, 2006.
- CALDEIRA, et al. Artrose em cães. **Cadernos Técnicos de Veterinária e Zootecnia**. Editora MVZ-FEP. n. 37, p. 53-79, 2002.
- CHAN, L.Y. Spontaneous uterine perforation of pyometra. A report of three cases. **Journal of Reproduction Medicine**, v. 45, n.10, 2000.
- CHEN, R.F.F.; ADDEO, P.M.D.; SASAKI, A.Y. Piometraabertaemumacadela de 10 meses. **Revista Acadêmica Ciência Animal**, Curitiba, v.5, n.3, p.317-322, 2007. Disponível em:
<<https://periodicos.pucpr.br/index.php/cienciaanimal/article/viewFile/10140/9555>>
Acesso em: 11 out. 2021.
- CONRADO, F.D. Aspectos clínicos patológicos da piometra. **Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Medicina Veterinária)** – Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em:
<https://www.ufrgs.br/lacvet/site/wpcontet/uploads/2014/06/monografia_Conrado_piometra.pdf>
Acesso em: 20 out. 2021.
- CORRÊA, T.M.; OLIVEIRA, A.R.C. Avaliação ultrassonográfica da hiperplasia endometrial cística piometra em cadelas senis após tratamento com farmacoterapia – relato de três casos. **Revista Panorâmica**, cap. 50, p.72-97, 2020.
- DALECK, C.R. et al. Mastocitoma. In: DALECK, C.R.; NARDI, A.B. **Oncologia em cães e gatos**, 2. ed, Rio de Janeiro: Roca, p. 955-971, 2016.
- DENNIS, M.M.; MCSPORRAN, K.D.; BACON, N.J. Prognostic Factors for Cutaneous and Subcutaneous Soft Tissue Sarcomas in Dogs. **Veterinary Pathology**, v. 48, n. 1, p.73-84, 2006.
- ELLIOTT, J. W. et al. Canine oral mucosal mast cell tumors. **Veterinary and Comparative Oncology**, v.14, p.101-111, 2016.
- FELDMAN, E.C.; NELSON, R.W. **Canine and Feline endocrinology and reproduction**. 3 ed, Philadelphia: Wiley Blackwell, p.852-858, 2004.
- FOX, L.E. Mast cell tumors. In: MORRISON, W.B. **Cancer in dogs and cats medical and surgical management**. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins, p. 479-488, 1998.
- FURLANI, J.M., et al. Mastocitoma canino: estudo retrospectivo. **Ciência Animal Brasileira**, p.242-250, 2008.

GIEGER, T.L. et al. Biologic behavior and prognostic factors for mast cell tumors of the canine muzzle: 24 cases (1990–2001). **Journal of Veterinary Internal Medicine**, v. 17, p. 687–692, 2003.

GOUGH, A.; THOMAS, A.; O'NEILL, D. **Breed Predispositions to Disease in Dogs and Cats**, 3.ed., Wiley Blackwell, p. 97, 2018.

HILLMAN, L. A. et al. Biological behavior of oral and perioral mast cell tumors in dogs: 44 cases (1996–2006). **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 237, p. 936–942, 2010.

HNILICA, K. A. **Dermatologia de Pequenos Animais: Atlas colorido e guia terapêutico** 3. ed., Elsevier, Rio de Janeiro, cap.7, p. 175-225, 2012.

JONES, T.C.; HUNT R.D.; KING N.W. **Patologia Veterinária**; 6 ed., cap.25 p. 1186-1188, 2007.

KIUPEL, M. et al. Proposal of a 2-Tier histologic grading system for canine cutaneous mast cell tumors to more accurately predict biological behavior. **Veterinary Pathology**, Washington, v. 48, n.1, p.147-155, 2011.

KIUPEL, M. et al. Proposal of a 2-tier histologic grading system for canine cutaneous mast cell tumors to more accurately predict biological behavior. **Veterinary Pathology**, v. 48, n. 1, p. 147-155, 2017.

LAVALLE, G.E; ARAÚJO, R. B.; CARNEIRO, R. A. Tratamento clínico e cirúrgico de mastocitoma em cães. **A Hora Veterinária**, v. 23, n.138, p.21-28, 2004.

MARTINS, D.G. Complexo hiperplasia endometrial cística/piometra em cadelas: fisiopatogenia, características clínicas, laboratoriais e abordagem terapêutica. **Dissertação (Mestrado em Cirurgia Veterinária)** – Universidade Estadual Paulista, Jaboticabal, 2007.

MERLO, E.M. **Mastocitoma Cutâneo Canino: Un Reto Para El Veterinario. Profesión Veterinaria**, n. 47, 2000. Disponível em: http://www.colvet.es/Madrid/revista/may_jun_00/casoclinico.htm
Acesso em: 25 de out. 2021.

MILLER, M.A.; RAMOS, J.A.; KREEGER, J.M. Cutaneous vascular neoplasia in 15 cats: clinical, morphologic, and immunohistochemical studies. **Veterinary Pathology**, v. 29, p. 329-336, 1992.

MURAKAMI, V. Y. et al. Piometra - Relato de Caso. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, Garça, v. 17, n. 9, p.6-15, 2011.

MURPHY, B.G.; BELL, C.M.; SOUKUP, J.W. **Veterinary Oral Maxillofacial Pathology**. Wiley-Blackwell, p. 161, 2020.

NELSON, R.W.; COUTO C.G. **Small Animal Internal Medicine**. 3.ed. Mosby, 2003.

NELSON, R.W.; COUTO, C.G. **Medicina interna de pequenos animais**. 5. ed. Rio de Janeiro, Elsevier, 2015.

NEVES, C. C. et al. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**. Issn: 1679-7353, n. 18, 2012.

OGILVIE, G. K.; MOORE, A. S. Managing the veterinary patient. **Veterinary Learning System**, Treton (NJ), p. 503-510, 1995.

OLIVEIRA, N.G. **Uso de Aglepristone e cloprostenol no tratamento de piometra em cadela** – Relato de Caso. São João da Boa Vista-SP. Unifeob, 2007.

PATERSON, S. **Discovering the causes of otitis externa**. In Practice, v. 38, n. 2, p. 7-11, 2016.

PRETZER, S.D. Clinical presentation of canine pyometra and mucometra: **A review, Theriogenology**, v.70, p. 359-363, 2008.

SILVA, A.L.D. A et al. Grau de malignidade do mastocitoma cutâneo canino quanto a localização segunda as classificações de Patnaik et al. (1984) e Kiupel et al. (2011). **Revista Brasileira de Veterinária**, p. 183-187, 2014.

SILVA, E.E.P. **Piometra Canina**, Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Medicina Veterinária) – Curso de Medicina Veterinária, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade Júlio Mesquita Filho, Campus de Botucatu, Botucatu, 2009.

Disponível em:

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/121190/silva_eep_tcc_bot.pdf?s=

Acesso em: 13 out. 2021.

SMITH, F.O. Canine pyometra. **Theriogenology** v.66, p.610-612, 2006.

SOUZA, A.C. F. et al. Mastocitoma cutâneo canino: estudo retrospectivo dos casos atendidos pelo Serviço de Oncologia do Hospital Veterinário da FCAV Unesp, Campus Jaboticabal, de 2005 a 2015. **Pesquisa Brasileira Brasileira** v. 38, n. 9, p. 1808-1817, 2018.

SUZUKI, E.Y. et al. **Traqueobronquite infecciosa canina –Relato de caso** - Revista científica eletrônica de medicina Veterinária-ISSN: 1679-7353, n.11, 2008.

TRAUTWEIN, L.G.C. et al. Guia de revisão sobre o diagnóstico e prognóstico da piometra canina. **Investigação**, v.17, p. 16-23, 2018.

VERSTEGEN, J.; DHALIWAL, G.; VERSTEGEN-ONCLIN, K. Mucometra, cystic endometrial hyperplasia, and pyometra in the bitch: Advances in treatment and assessment of future reproductive success, **Theriogenology**, v. 70, p.364-374, 2008.

VOLPATO, et al. Infiltrado leucocitário em cérvix de cadelas com piometra aberta e fechada. **Revista Científica de Medicina Veterinária**. n.30, 2018. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/qWJrBlubdAt9IIP_2018-7-6-10-48-37.pdf.

Acesso em: 03 nov. 2021.

WEISS, R.R. et al. Avaliação histopatológica, hormonal e bacteriológica da piometra na cadela. **Archives of Veterinary Science** v.9, n.2, p. 81-87, 2004.

WITHROW, S. J., VAIL, D. M. Withrow & MacEwen's **Small Animal Clinical Oncology**. St. Louis, 4.ed, Saunders, Elsevier, 2007.